

Por uma clínica não fetichizada

Marcio de Freitas Giovannetti¹

Resumo: Noventa anos depois do ensaio de Freud: Inibição, sintomas e angústia e cinquenta anos depois do seminário de Lacan sobre a angústia, o autor propõe que o psicanalista encare a própria angústia inerente a um trabalho e profissão cujas bases estão sempre em questionamento. Preconiza que o psicanalista procure não se defender da angústia fetichizando e sacralizando os conceitos elaborados pelos seus predecessores. O autor defende a ideia de que, na atualidade, as pessoas buscam encontrar no analista um interlocutor pessoal, que seja capaz de acolher e significar sua angústia frente a um mundo sem referências estáveis, não mais fascinadas pela ideia de um inconsciente, como no passado.

Palavras-chave: Angústia. Defesa. Fetiche. Psicanálise.

Pouco menos de noventa anos nos separam do clássico ensaio de Freud sobre a angústia. Escrito em Viena, entre a primeira e a segunda grande guerra, *Inibição, sintoma e angústia* é praticamente o antecessor do seu capolavoro sobre o fetichismo no qual elabora o conceito de *phallus*, objeto idealizado possibilitador do comércio sexual. Estamos num momento em que o pensamento freudiano sai, por assim dizer, das quatro paredes das novelas familiares expandindo-se para a pólis: seus *casos clínicos* são, agora, a cultura, a pólis, retomando a senda aberta em *Totem e tabu* e retrabalhada em *Psicologia das massas* e *Análise do ego*, invalidando o corte entre psicologia individual e psicologia coletiva. O *phallus*, enquanto cifra do poder, é o conceito que torna possível esta relação, esta imbricação de um campo no outro, da mesma forma que serve de ponte fantástica para o ato sexual, denunciando que é, sobretudo, na chave da crença que estão ancoradas as relações humanas. É a partir da escuta da palavra *Glanz*, brilho em alemão, eufônica de *Glance*, olhadela em

¹ Membro Efetivo, Analista Didata e Docente do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo - SBPSP.

inglês, que emerge o *phallus*, o pênis materno, objeto fantasmático por excelência, e seu conceito de *Verleugnung*, denegação: Freud colocava seu nariz para além do recalque, para a divisão do Eu.

Pouco mais de cinquenta anos nos separam dos seminários de Lacan sobre a angústia. Falados, não escritos, em Paris, eles retomam as questões abordadas por Freud quase quarenta anos antes, revestindo-as com novo brilho: na passagem de uma língua para outra, do alemão para o francês, a fala lacaniana retira a sombra melancólica que havia se abatido sobre a Psicanálise após a morte do fundador e a diáspora forçada da grande maioria dos psicanalistas. Perseguido pelo nazismo e órfão de seu fundador, o pensamento psicanalítico oficial se encolhe de forma sintomática, num movimento de volta às quatro paredes, refazendo o corte desfeito por Freud entre mundo interno e mundo externo, entre o espaço doméstico e o político. O que não deixa de ser paradoxal, pois a própria exclusão de Lacan da IPA foi antes de tudo um ato político. Se a Psicanálise era agora falada na língua IPAista, a proposta lacaniana era outra. Como revitalizar a língua originária – a força dos conceitos – para além dos clichês e da palavra gasta?

Nessa borda, neste fora que é também dentro, cujo modelo é a banda de Moebius, é que emerge a fala de Lacan. Fora da IPA, mas dentro da Psicanálise é o topos parisiense. Se os escritos de Freud se alinhavam uns após os outros numa resignificação constante, a oralidade lacaniana, um seminário após outro, era seu reflexo especular. E assim foi se constituindo o *corpus teórico* lacaniano, num falar que se propunha em si mesmo a recolocar a palavra originária em movimento. Como que num retorno do recalado, mas numa operação radicalmente psicanalítica, o discurso de Lacan se apresenta no lugar do outro, reproduzindo o anterior sob uma forma diferente, enfatizando o equívoco e o *qui pro quo*, deixando entrever em sua própria tessitura, jogos de máscaras, de ambiguidades, de reviravoltas. Um citar que não recita e por isso é elaborador do luto, e não remordedor do conceito originário. Por isso Lacan se autoriza a falar em nome da Psicanálise: é frequente em seus seminários a expressão *A psicanálise diz que [...]*. Um porta voz na melhor acepção do termo.

No final dos anos cinquenta e início dos sessenta, Elvis Presley já assombrara o mundo com sua ginga. Fellini já escandalizara a Europa com *La Dolce Vita* e Antonioni reinventara o significado de aventura. O mais célebre dos governantes havia sido assassinado em Dallas. Acima de tudo, o Sputnik já havia sido lançado, havendo sido dada a partida para a explosão das fronteiras terrestres. Pós-Auschwitz e pós-bomba atômica, o homem se defrontava com sua insanidade e com a falência de suas instituições. É nesse contexto que o pensamento psicanalítico se oferece como um possível amparo para a angústia coletiva. Afinal, era necessário um novo narrador e uma nova narrativa para a aventura humana. A revolução sexual estava prestes a acontecer e nenhuma língua melhor para carregá-la que a

língua psicanalítica. Dela se valeu Lacan melhor do que ninguém. Seu profundo conhecimento de Freud, de filosofia, de literatura e sua paixão pelo estruturalismo aliados à sua excepcional oratória tornaram-no o porta-voz da Psicanálise para além das sociedades de psicanálise, isto é, para a *intelligentsia* europeia. Seus seminários na École Normale de Paris eram dos mais concorridos, senão o mais. Na plateia, grandes nomes da cultura francesa, jovens estudantes, psicanalistas e pacientes. Todos em busca da fala outra, a do inconsciente: a psicanálise se estabelecia para além dos divãs. Ou melhor, o significante psicanálise se estabelecia definitivamente em nossa cultura. Multiplicaram-se os divãs e as sociedades de psicanálise, agora já com duas línguas: a da IPA e a de Lacan. Nunca ela brilhara tanto, nunca *metera seu nariz* em tantos lugares.

A meu ver, a maior contribuição de Lacan ao movimento psicanalítico foi favorecer a elaboração do luto pela perda do fundador. Através de uma canibalização do pai, sem dúvida bem-sucedida, não devemos deixar passar batido que o nome do pai, Sigmund, reaparece miniaturizado em um de seus aportes teóricos mais fortes, o de SIG-nificante – ele refunda, não a teoria, mas sim a faz ecoar em nova frequência, fundando com isso nova tribo psicanalítica. Cinquenta anos depois daquela Paris e daquele mundo que se iniciava na aventura pelo espaço sideral, hoje o luto que nós, psicanalistas, devemos fazer é o de nossos conceitos básicos. Isto é, nada mais urgente para que possamos escutar a fala viva de nossos analisandos do que colocarmos e pensarmos nossos conceitos dentro uma perspectiva histórica. O que significa deixá-los morrer de alguma forma para que possam ser recriados a partir da escuta flutuante num outro patamar. Segundo Barthes (1991), outro importante estruturalista contemporâneo de Lacan, estereótipo é a nauseabunda impossibilidade de morrer. Uma bela maneira de falar da melancolia. Num de seus primeiros livros, *Estâncias*, Giorgio Agamben, estudando a palavra na cultura ocidental, retoma Freud e Lacan, afirmando que o objeto perdido do melancólico

não é nada mais que a aparência que o desejo cria para o próprio cortejo do fantasma, e a introjeção da libido não é nada mais que uma das faces de um processo no qual aquilo que é real perde a sua realidade, a fim de que o que é irreal se torne real [...]. Não sendo mais fantasma e ainda não sendo signo, o objeto irreal da introjeção melancólica abre um espaço que não é nem a alucinada cena onírica dos fantasmas, nem sequer o mundo indiferente dos objetos naturais. Mas é neste espaço epifânico intermediário, situado na terra de ninguém, entre o amor narcisista de si e a escolha objetual externa, que poderão ser colocadas as criações da cultura humana, o entrebescar das formas simbólicas e das práticas textuais, através das quais o ser humano entra em contato com um mundo lhe é mais próximo que qualquer outro [...]. O 'locus severus' da melancolia [...] é também o 'locus severus' da palavra e das formas simbólicas [...] (2007, p. 53-54).

Com essa precisa e preciosa apreensão da dinâmica melancólica expandido-a para o campo cultural, Agamben, assim como a palavra nascente de nossos analisandos, convoca-nos a refletir e a questionar nossos conceitos para que eles não adquiram apenas o estatuto de fetiches. Para que não sejamos apenas capazes de escutar aqueles analisandos que *tenham um certo brilho no nariz*. E continua:

No conflito entre a percepção da realidade que o leva a renunciar seu fantasma, e o contradesejo que o leva a negar a sua percepção, o menino não faz nem uma coisa nem outra, ou melhor, faz simultaneamente as duas coisas, chegando a um dos compromissos que unicamente são possíveis sob o domínio das leis do inconsciente [...]. O fetiche, seja ele parte do corpo, seja objeto inorgânico, é, portanto e ao mesmo tempo, a presença do nada que é o pênis materno e o sinal da sua ausência; símbolo de algo e, contemporaneamente, símbolo da sua negação, pode manter-se unicamente às custas de uma laceração essencial, na qual as duas reações contrárias constituem o núcleo de uma verdadeira cisão do Eu. (2007, p. 53 e 60).

Noventa anos depois de *Inibição, sintoma e angústia* e cinquenta anos depois do Seminário de Lacan sobre a angústia, temos que encarar hoje, como psicanalistas, a própria angústia inerente a um trabalho e a uma profissão cujas bases estão sempre em questionamento. Ou tentarmos dela escapar, fetichizando e sacralizando os conceitos elaborados pelos nossos predecessores. Freud foi o primeiro, com sua obra em constante refazer-se, a mostrar-nos isso. Lacan, ao falar a palavra freudiana em sua própria língua, veio enfatizar este ponto. Falar em nome próprio, tendo consciência de que esta é a mais difícil das tarefas, implica renunciar aos clichês e aos estereótipos que – enganosamente – nos fazem sentir tão compreendidos, aceitando, portanto, os riscos de estranhamentos e excomunhões. Mas não é essa mesma a angústia mais característica das pessoas que nos procuram hoje, neste início de terceiro milênio, em nossos consultórios? Estão aí os governantes atuais a mostrarem ao mundo que os *selfies* são imprescindíveis até mesmo para os poderosos, num mundo em que as nuvens, as *clouds*, guardam tudo aquilo que era guardado há pouco no que chamamos de inconsciente.

Não mais fascinadas pela ideia de um inconsciente como há cinquenta anos, as pessoas que procuram a nós, analistas, hoje, vêm, sobretudo, com o desejo de encontrar um interlocutor pessoal que seja capaz de acolher e significar sua angústia frente a um mundo sem referenciais estáveis. Não havendo mais um narrador nem uma narrativa privilegiada, resta em seu lugar o onisciente Google. Não havendo mais lugares fixos, resta o recurso aos Facebooks e Instagrams. Somos hoje, nós, analistas, uma geração às voltas com o desafio de um sujeito em

transformação. Se não elaborarmos o luto pelo século que acabou com a queda das Torres Gêmeas, só nos restará o fetiche de uma clínica fora de seu tempo.

For a non-fetishized clinic

Abstract: Ninety years after Freud's essay: Inhibitions, Symptoms and Anxiety, and fifty years after the seminar of Lacan about the anguish, the author proposes that the psychoanalyst faces his own anguish, inherent to a job and profession whose bases are always in question. Recommends that the analyst does not seek to defend the anguish fetishising and sacralizing the concepts developed by his predecessors. The author defends the idea that, today, people seek to find in the analyst a personal interlocutor, who is able to receive and mean front distress to a world without stable reference, and is no longer fascinated by the idea of an unconscious, as in the past.

Keywords: Anguish. Defense. Fetish. Psychoanalysis.

Referências

Agemben, Giorgio. (2007). *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Barthes, R. (1991). *Fragments de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Freud, S. (1921). Psicologia das massas e análise do ego. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. 18). Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1926[1925]). Inibição, sintoma e angústia. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. 20). Rio de Janeiro: Imago, 1969.

Freud, S. (1926). Totem e tabu. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago, 1969.

Lacan, J. (2004). *O seminário. Livro 2: angústia*. Rio de Janeiro: Zahar.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Débora Rodrigues

Recebido em: 12/10/2015

Aceito em: 14/03/2016

MARCIO DE FREITAS GIOVANNETTI
Rua Des. Joaquim Selidono, 36
01443-060 São Paulo – SP - Brasil
e-mail: nnetti@uol.com.br